

Economia - Brasil A prosperidade que assusta os mercados

A economia brasileira deverá crescer 3,3% neste ano e 3,5% no próximo, segundo um relatório sobre as perspectivas mundiais divulgado na terça-feira pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que congrega 30 dos países mais industrializados do planeta. Os técnicos da OCDE calculam uma expansão de 3,4% em 2004 e 3,3% em 2005 para essas 30 economias. Essas projeções contrastam fortemente com o clima de salve-se-quem-puder que tem caracterizado os mercados financeiros. Depois de um dia de aparente tranquilidade, as cotações voltaram ontem a cair nas principais bolsas do mundo, com recuperação do Dow Jones no fim do pregão – e o mercado brasileiro, como de costume, acompanhou o ritmo.

O que pode parecer estranho é que esse nervosismo tem sido provocado principalmente por notícias muito animadoras sobre a economia mundial. A atividade continua a crescer nos Estados Unidos, o emprego tem crescido e mais americanos têm rendimento próprio para consumir. Ao mesmo tempo, voltou a crescer o investimento produtivo. A OCDE calcula um crescimento econômico de 4,7% pa-

ra os Estados Unidos, neste ano. Além disso, o Japão parece haver saído da longa recessão e seu Produto Interno Bruto (PIB) deve aumentar 3,0% em 2004. A área do euro avança mais devagar, mas deve ganhar impulso e sua expansão poderá passar de 1,6% neste ano para 2,4% no próximo.

Era previsível que, neste quadro, o banco central dos Estados Unidos, o Federal Reserve, ou Fed, voltasse a elevar os juros básicos. Esses juros foram mantidos muito baixos – 1% ao ano – por muito tempo. Que o aumento virá está fora de dúvida, e a taxa poderá até dobrar neste ano, segundo projeções do mercado financeiro.

Mas esse aumento, longe de ameaçar o crescimento econômico, deverá servir para torná-lo mais sustentável, diminuindo o risco de inflação e desencorajando a formação de novas bolhas nas bolsas e noutros mercados sujeitos a grande especulação.

As projeções da OCDE incluem uma elevação gradual do custo do dinheiro. “Uma eliminação gradual do estímulo monetário a partir de meados de 2004 seria coerente com a nossa projeção de uma expansão contínua e sólida”, segundo o informe.

O excesso da reação nos

mercados financeiros é até certo ponto compreensível. Muitos investidores em papéis de todo tipo exageraram em suas aplicações, graças à grande oferta de dinheiro barato.

Num excelente artigo publicado no *Times*, de Londres, o analista Anatole Kaletsky descreve as consequências desse exagero: “Os investidores que foram além do que podiam, geralmente dependendo de dinheiro emprestado a taxas de juros insustentavelmente baixas, muitas

vezes ficam seriamente encrencados nesta etapa do ciclo e são obrigados a liquidar seus valores mobiliários, vendendo tanto os ativos bons como os ruins, indiscriminadamente, numa tentativa desesperada de levantar dinheiro para pagar empréstimos.” Esse movimento produz uma alteração brusca nos preços de títulos e ações e isso pode até provocar uma crise financeira.

As tendências da economia real, no entanto, são promissoras para os investidores em ações, segundo Kaletsky, porque anunciam uma fase de expansão do emprego, dos salários, do consu-

mo e das condições de uma expansão auto-sustentável.

Esse crescimento não será incompatível com a correção de importantes desequilíbrios que se têm acumulado na economia americana. O déficit na conta corrente do balanço de pagamentos, na vizinhança de 5% do PIB, é um motivo de

preocupação, assim como o grande buraco nas contas públicas. Se as autoridades americanas decidirem começar a correção nos próximos meses, é pouco provável

que venham a impor um tranco à economia global. O temor desse tranco, segundo analistas do mercado, também alimenta o nervosismo. Muitos economistas internacionalmente respeitados afirmam, no entanto, que o melhor para a economia mundial é que os americanos comecem logo a cuidar desses problemas. Se o fizerem, o ajuste poderá ser suave e não impedirá a prosperidade geral. Muito mais perigoso será deixar que os problemas continuem a crescer. Esse cálculo, infelizmente, requer uma visão de longo prazo e um sangue-frio que são em geral escassos no mercado financeiro.

A melhora da economia real contrasta com o nervosismo do setor financeiro